

Carta do Leitor

Querem destruir o nosso Toural

Escrevo como vimaranense e como proprietário de uma loja de comércio tradicional com porta aberta no Toural. Faço-o, perdoem-me se puxo pelos galões, como o mais antigo comerciante do Toural e como o proprietário da loja mais tradicional que hoje aqui sobrevive.

Se a cidade Guimarães é o que é, deve-o, em grande parte ao bairrismo dos seus cidadãos, dos mais humildes aos mais ilustres. E a calçada à portuguesa do Toural sempre foi o espaço onde, mesmo nos tempos difíceis da ditadura, se conspirou para fazer Guimarães maior e melhor. Foi neste mesmo

Toural que se criaram e inventaram as grandes obras de que ainda hoje nos orgulhamos. Recordo o tempo em que, sob o olhar atento dos agentes da repressão do antigo regime, pides e bufos, se reunia no Toural uma tertúlia que, desde a sele horas e trinta minutos até às nove menos cinco da manhã, se juntava para discutir Guimarães, o quotidiano, o Vitória, a Marcha Gualteriana. Dizia-se que os que a compunham chegavam a gastar um par de solas por semana, pois não lhes era permitido estarem parados. Foi nesta praça que os mais ilustres Vimaranenses conspiraram contra a ditadura. Esses homens, hoje quase esquecidos, mas que durante décadas vive-



ram Guimarães, têm nome próprio, Família Laranjeiro, Júlio Martins, Doutor Mário Dias, Família Alberto Leite, Família Ferreira da Cunha, Manuel C. Martins e tantos outros. Foi neste mesmo largo que sofreram a repressão e que viveram, alguns deles, as alegrias da liberdade de Abril.

Durante muitos anos o Largo do Toural teve várias alterações: teve grades, teve muros, teve a estátua de D. Afonso Henriques. Mas, no geral, a configuração da praça tem sido mais ou menos a mesma nos últimos 100 anos, nomeadamente termos dimensionais.

Já houve três debates acerca da intervenção que agora querem fazer no largo do Toural, sobre o túnel e o

parque de estacionamento subterrâneo, a instalar no mesmo. Fui aos três e não cheguei a conclusão alguma, ou seja, sendo vimaranense, acho que o Senhor arquitecto Fernando Seara de Sá tem mais certezas do que ninguém sobre as "vantagens" da obra.

Segundo alguns estudos que efectuei há vários anos sobre o Largo do Toural, existem, pelo menos, restos da antiga igreja de S. Paio (no actual jardim da Alameda), assim como canalizações do antigo chafariz do Toural e do chafariz que existiu nas Dominicais. Acho que a arqueologia não se adivinha e, por mais sofisticados que sejam os métodos de pesquisa, só depois das escavações é que se sabe

e vê o que está enterrado. Fui herdeiro familiar de uma mina que captava a água do antigo tanque da rua de Santo António. Essa mina teve, e tem, no centro, uma caleira na qual passa a água e onde um homem anda de pé, que desce pela rua Gil Vicente, passa no antigo posto da polícia das estradas (actual jardim do triângulo) e continua por baixo do antigo mercado municipal, abaixo da cota dos sanitários, com entrada pelos mármoreos do Almeida e Neves. Acredito que as condutas de água que atravessam o Toural sejam semelhantes a esta.

Em meados do século XIX dos edifícios do Toural, do lado contrário à igreja de S. Pedro (mais ou menos no local onde esteve o serviço

de emprego), havia uma estátua de uma mulher de corpo inteiro que pesava umas toneladas. Em meados do mesmo século, esteve em riscos de cair e abalou toda a estrutura dos edifícios. Teve que ser retirada e, posteriormente, teve que ser ajustada toda a cantaria existente nesse mesmo topo, porque podia provocar uma derrocada naquela fachada tão bonita. Lembro que a cantaria existente deste lado do Toural está colada às antigas pedras da muralha que atravessava a praça por ali.

Se se pensar fazer um túnel na rua Paio Galvão, garanto a rua que não tem estrutura para segurar a cantaria da Sociedade Martins Sarmento, assim como a do prédio que se encontra em frente, visto que o peso incide sobre a própria rua. Quando se chegar à casa do fidalgo do Toural (Banco Espírito Santo), haverá o mesmo problema.

No centro do jardim do Toural, vão surgir problemas com o IPPAR, pois vão aparecer achados arqueológicos, tais como o sistema de irrigação do chafariz do Toural, do Chafariz das Dominicais. Por muito menos, o IPPAR parou durante meses a obra na casa dos Lobos Machados.

Ouçõ dizer que, agora, o Toural está deserto. O Toural sempre foi deserto: havia a pensão comercial, não tinha

habitantes, senão os antigos viajantes; o café-hotel do Toural ocupava outro tanto espaço e não tinha residentes; no antigo Banco de Portugal só morava o gerente; na parte poente do Toural existia a casa Vargas e, por cima em toda a extensão, vivia o Senhor Pinheiro; na parte lateral norte a casa do senhor Pimenta Machado (bom espaço para a casa da memória: usando esta casa, já o Toural fica com vida diurna e nocturna); na esquina da rua D. João com o Toural, temos as antigas instalações do Banco Nacional Ultramarino, que está ao serviço dos intestinos dos pombos. Ou seja: o Toural não está hoje assim tão mais vazio do que no passado.

Querem fazer um túnel que vai dividir o Toural. Para quê? Fazer um parque de estacionamento que não vai aumentar ao número de lugares já existentes. Para quê?

Em função do que acima deixei descrito, peço aos senhores arquitectos, que tenham um pouco mais de humildade e que amem Guimarães. Às vezes, é preciso não ganhar para se saber o que é ter e este "ter" é aquilo que é nosso. E ser vimaranense. E amar a nossa terra.

Jerónimo S. G. Silva (Ferreira da Cunha)